

# Ídolos. Olhares milenares. O Estado da Arte em Portugal.

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa  
22 de fevereiro 2022

Apresentação do catálogo da exposição.

---

João Muralha Cardoso

Universidade Nova/FCSH - CHAM

## Ídolos, ou como habitamos um Mundo

### o. O início.

O catálogo/livro da exposição *Ídolos, olhares milenares, o estado da Arte em Portugal*, coordenado cientificamente por Primitiva Bueno Ramírez e Jorge Soler Díaz, remete-nos para uma viagem extraordinária ao longo da Pré-história Recente do território, não só português, como ibérico.

Este livro nasce de um projecto expositivo que, ao longo do tempo, se estendeu por três exposições realizadas respectivamente em Alicante, Madrid e finalmente em Lisboa. Todas estas mostras, foram concebidas de forma a mostrar ao público o fantástico acervo artefactual que desde o final do século XIX se denominava por Ídolos.

Este catálogo, torna-se importante no âmbito da historiografia da arqueologia da pré-história recente, a três níveis:

- 1 – A necessidade de percorrer o caminho entre a investigação e a divulgação.
- 2 – A importância dos contextos arqueológicos da Pré-história recente.
- 3 – Uma publicação sobre o estado da arte / situação de referência em Portugal.

### 1. Da investigação à divulgação.

*Não é fácil passar da investigação à divulgação*

Primitiva Bueno Ramírez e Jorge Soler Díaz  
*Guia da Exposição*, INCM, 2021, 30.

A partir de 270 peças, por mais fantásticas que sejam, é necessário um discurso. Um discurso que não só aumente o nível de conhecimento sobre a temática, como transmita o que se está a fazer no processo de investigação. Este não é um caminho fácil. Os guias e os catálogos das exposições, quando bem feitos, são importantes neste processo. O catálogo da exposição no Museu Nacional de Arqueologia em Lisboa, partia precisamente do artefacto, da materialidade da peça arqueológica. E todos sabemos que a arqueologia começa o seu percurso com as materialidades. Com os artefactos encontrados, recolhidos em trabalhos de campo, e depois trabalhados, pensados e complementados com muitos outros dados. Neste caso, os Ídolos!

Mas que peças são estas?

São peças que, além de todo o seu valor estético, nos remetem, primeiro, para o âmbito cronológico da pré-história e em segundo, para uma temática, até há poucos anos, lateral ao pensamento arqueológico e sempre empurrada para a área do chamado "simbólico". Mas hoje sabemos que são peças, que fazem parte integrante do processo de investigação sobre o Homem, em todas as suas dimensões existenciais: social, ontológica, emocional, identitária ... Por outro lado, este processo de investigação, sobre a Pré-história, é também, a procura da nossa Humanidade. É tentar perceber como é que essa humanidade surge, se desenvolve e se transforma. Como coopera com o mundo, como interage entre si, que respostas dá, que soluções encontra.

Pensar / escrever pré-história, como este livro tão bem demonstra, deriva sempre do trabalho arqueológico, da intervenção de campo, do estudo dos materiais e, especificamente, daquilo que os arqueólogos pensaram e fizeram sentido.

## **2 – A importância dos contextos arqueológicos da Pré-história recente.**

*As estátuas menires de França, as figurinhas antropomórficas das Órcades e as miniaturas de terracota de contextos de Chassey, ilustram, no seu conjunto, a diversidade das representações antropomórficas no Neolítico na Europa Ocidental, a norte dos Pirenéus. (...) Algumas talvez tivessem sido pensadas para o ambiente habitacional, outras para o funerário, e outras para o exterior. Algumas poderiam, inclusivamente, constituir representações de seres ancestrais ou mitológicos, que podiam pertencer a sistemas complexos de memória e crenças.*

Citado por Primitiva Bueno Ramírez e Jorge Soler Díaz  
*Guia da Exposição*, INCM, 2021, 30.

A matéria-prima da arqueologia são os dados. Dados recolhidos em trabalhos de campo, quer resultem de escavações puramente orientadas para a investigação, como de intervenções de arqueologia preventiva, permitiram a construção do discurso científico desta obra. Nos últimos anos, os trabalhos arqueológicos têm contribuído para a acumulação de saberes; na forma de contextos, de datações, de identificações de matérias-primas e pigmentos e têm revelado um contexto muito diversificado destas figurinhas. A investigação revelou-nos um quadro muito variado, mesmo diferenciado: simples estruturas muito perecíveis com vestígios delidos até áreas de povoados extensos, circunscritos por muretes de pedra com estruturas mais monumentais, como torres e “bastiões” e ainda fossas e fossos que rodeiam outras estruturas ou se constituem em recintos cerimoniais.

Por outro lado, a diversidade tipológica das próprias figuras é imensa, assim como o seu suporte físico e o seu espaço cénico, no caso dos antropomorfos rupestres. Ao longo do livro e ao longo dos vários capítulos que constituem as contribuições dos diferentes autores, começamos a perceber sínteses e caracterizações destas figurinhas ibéricas. A importância da área geográfica e de uma vertente mais atlântica ou mediterrânica; a classificação tipológica na representação do corpo humano e da expressão do rosto (assim como os objectos diversos); a interpretação, no culto dos antepassados, representando provavelmente personagens humanas, ligadas a linhagens dentro da(s) comunidade(s).

### **3 – Uma publicação sobre o estado da arte / situação de referência em Portugal.**

(...) inquietação diante do que é o discurso na sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita; inquietação diante dessa existência transitória, destinada a apagar-se, sem dúvida, mas segundo uma duração que não nos pertence (...)

Michel Foucault  
*A Ordem do Discurso*,  
Relógio d'Água editores, 1997, 9.

Este último ponto, ou se quisermos, esta última viagem que o livro nos proporciona, é uma viagem interpretativa. É uma viagem e ao mesmo tempo uma inquietação, como Foucault tão bem expressa na citação acima, pois a interpretação é um passo necessário, importante e fundamental, e que também nos pode proporcionar linhas de pensamento, de reflexão para interpretações futuras.

Os vários capítulos do livro, em muitos aspectos, são verdadeiras sínteses sobre sítios arqueológicos, e mesmo sobre áreas geográficas precisas. São sínteses que nos proporcionam o

Estado da Arte relativo ao pensamento interpretativo sobre os “Ídolos”, ou melhor sobre as figurinhas ibéricas. Fica, desta forma publicada, uma caracterização da situação de referência sobre esta temática.

Mas, tão importante como o que fica, é o que nos pode trazer em termos de reflexão, de pensamento (teórico e interpretativo). E traz-nos a possibilidade de pensar sobre estes dados, reflectir sobre hipóteses interpretativas, de ponderar sobre outras formas de olhar o mundo, sobre outras maneiras de fazer pré-história. A personagem principal das várias exposições e objecto das várias leituras interpretativas, são as figurinhas ibéricas, mas estas figurinhas não são apenas objectos, são, entre outras coisas, acções. São acções relacionadas à forma como aquelas comunidades habitaram o mundo. Estas figurinhas, parecem que articulam as relações humanas, materializam e solidificam uma ordem social e identitária.

Deveremos “olhar” estas figuras como processos *intra* e *inter* comunitários de ser e habitar (o mundo). Processos entretecidos de acções complexas entre as próprias imagens, os lugares, a paisagem e as comunidades. É importante ganhar consciência das muitas e diferentes formas das comunidades habitarem o mundo e reflectirmos sobre todas as dimensões contextuais que constituem essa paisagem; os sítios, as mobilidades e as materialidades.

Porque tudo isto trata da forma como habitamos um mundo, sejam as comunidades que produziram estas figurinhas, sejam os arqueólogos que procuram sentidos e pensam interpretações.

---

## Bibliografia

Bueno Ramírez, Primitiva e Soler Díaz, Jorge (2021) – *Ídolos, Olhares Milenares*, Guia da Exposição. Lisboa: INCM, 2021

Foucault, Michel, 1997, *A Ordem do Discurso*. Lisboa: Relógio d’Água Editores, 1997.

VVAA, (2022) – *Ídolos. Olhares Milenares. O Estado da Arte em Portugal*. Ed. Coordenada por Bueno Ramírez, Primitiva e Soler Díaz, Jorge. Lisboa: INCM, 2021.